



Origens

2018 | ano 04 | nº 06

Revista-laboratório do curso de Jornalismo
das Faculdades Integradas Rio Branco

PECADOS

Gula, ira, vaidade, luxúria...
os pecados nossos de cada dia

APRENDER FAZENDO!

FACULDADES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, DESIGN E AUDIOVISUAL



GRADUAÇÃO
Comunicação Social:
Rádio e TV
Editoração
Jornalismo
Relações Públicas
Publicidade e Propaganda

GRADUAÇÃO
Design
PÓS-GRADUAÇÃO
MBA em New Branding Innovation
MBA em Comunicação Corporativa
MBA em Gestão de Marketing

TECNÓLOGO
Produção Audiovisual
EXTENSÃO EAD
Jornalismo Esportivo
PÓS-GRADUAÇÃO EAD
MBA em New Branding Innovation
MBA em Gestão de Marketing

 www.facebook.com/comunicariobranco

UNIDADE LAPA - Av. José Maria de Faria, 111, São Paulo - SP

 **RIOBRANCO**

www.riobrancofac.edu.br

CENTRAL DE ATENDIMENTO 0800165521

Veja no site itinerários de ônibus gratuito rio branco



Presidente da Fundação
de Rotarianos de São Paulo
Nahid Chicani

Chanceler
Eduardo de Barros Pimentel

Diretor Geral
Profº Dr. Edman Altheman

Diretor Acadêmico
Profº Dr. Alexandre Uehara

Coordenadora do Curso de Jornalismo
Profª Dra. Patrícia Rangel

Coordenador dos Cursos de Comunicação
Social, Editoração e Design
Profº Me. Paulo Durão

Edição e revisão
Profª Dra. Patrícia Ceolin do Nascimento

Projeto Gráfico
Carolina Izabel da Silva

Diagramação
Profa. Dra. Iara Pierro de Camargo

Foto da capa:
Banco de Imagem iStock

Revista **Origens** é uma publicação elaborada
pelos alunos do curso de Comunicação
Social, habilitação em Jornalismo, das
Faculdades Integradas Rio Branco.

Endereço: Avenida José Maria de Faria, 111
Lapa, São Paulo - SP, Cep: 05038-190
Tel. (11) 3879-3100

Editorial

Pecar é humano... e perdoar também

Quem nunca pecou? E, afinal, o que é pecado? As sociedades se transformam... porque as pessoas se transformam. Muito do que já foi "interditado"/ proibido há 50, 30 anos, por ser moralmente ofensivo ou tradicionalmente não aceito, é visto hoje como "normal", corriqueiro pelas novas gerações.

Ainda que as referências para se entender o que é "pecar" venham do campo religioso, o debate em torno do tema extrapola esse campo e muitas vezes se instala no campo jurídico ou comportamental, ou até mesmo, chega revestido de insinuações políticas. Daí a importância da existência de um Estado laico, que saiba gerir políticas públicas a partir de princípios democráticos historicamente conquistados e não ceda ao risco de interferir na vida privada de seus cidadãos sob o manto do "bem público" visto de uma ótica pretensamente religiosa, com a falsa promessa de representar todas as diversificadas vozes presentes em uma sociedade.

Nesta sexta edição da revista Origens, os alunos do segundo semestre do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco exploram esse instigante terreno relacionado aos pecados "nossos de cada dia".

Na contramão daqueles que se consideram pecadores, as alunas Julia Sansoni e Grasieli Souza procuram entender como os ateus enxergam a questão. Os alunos Ana Carolina Garbim, Fabio Lambiazzi, Lucas Ferreira e Vivian Ramos, na sequência, oferecem um banquete em torno de um dos pecados mais infiltrados em nossa sociedade, a gula. A ode à ostentação nas letras de funk é tema na segunda reportagem de Julia Sansoni e Grasieli Souza. A luxúria e a ira também têm seu espaço nas reportagens de Marcos Paulo Neiva, Marcus Rovigatti e Vitor Camargo. A vaidade é pauta da reportagem "Espelho, espelho meu", de Julia Sansoni e Grasieli Souza. Já a relação entre países e seus respectivos "pecados" é apresentada em "Os sete países capitais", de Marcos Paulo Neiva, Marcus Rovigatti e Vitor Camargo. A visão de diferentes religiões sobre o pecado é abordada na reportagem de Juliana Gonçalves, Letícia Lima e Vinicius Matos, que também assinam a matéria "Pecado em sala?", sobre o ensino religioso. O entrevistado desta edição é Luiz Felipe Pondé, que conversou com os alunos Mariana Barros e Raul Roque, e traz uma contribuição filosófica sobre o tema.

Boa leitura.

Patrícia Ceolin do Nascimento

Sumário



10 **OSTENTAÇÃO**
Consumismo, ostentação e conscientização nas letras do funk paulistano.

14 **LUXÚRIA**
Movimento DarkWave enaltece a liberalidade e as diferenças em festas em que a sensualidade dá o tom.

6 **ATEUS**
Para aqueles que não acreditam em Deus, os pecados também não existem.

8 **GULA**
Para além de pecar, comer demais é um problema social e de saúde. E tudo piora quando a gula se junta com a preguiça e o sedentarismo.

16 **IRA**
Quando os protestos são vistos como expressão da “ira” de grupos rivais, a violência toma o lugar da razão, dos direitos e da democracia.

18 **VAIDADE**
Profissionais do mundo da moda contam como lidar com a vaidade e com a inveja.

22 **REPORTAGEM ESPECIAL**
Catolicismo, protestantismo, budismo, espiritismo, umbanda. Diferentes religiões expõem o que entendem por pecado.

26 **EDUCAÇÃO**
O debate acerca do ensino religioso no país está longe de acabar.

28 **ENTREVISTA**
O filósofo Luiz Felipe Pondé fala de religiões, desejos e pecados.

20 **GEOPOLÍTICA DO PECADO**
Uma viagem por sete países e seus respectivos “pecados”.



30 **COMO FIZEMOS?**
Acompanhe os bastidores e os desafios de produzir a revista

31 **CRÔNICA**
“Pequei?!”

EXISTE PECADO PARA OS ATEUS?

OS ATEUS E A SUA NÃO CRENÇA



Existem espalhados pelo país diversos ateus, aqueles que não creem em Deus ou em qualquer ser superior, e agnósticos, aqueles que consideram os fenômenos sobrenaturais inacessíveis à compreensão humana. Desses, muitos não se consideram descrentes, pois não duvidam da existência de Deus. No Brasil, temos a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA). Um de seus fundadores, Daniel Sottomaior, conta que seus principais objetivos são: lutar pela laicidade do Estado e contra o preconceito que os descrentes sofrem. A associação foi fundada há oito anos e conta com cerca de 17 mil pessoas. De acordo com o criador, o que as pesquisas mostram é que os ateus são a minoria mais detestada do país e que eles veem o resultado disso na prática, então é importante que haja uma entidade dedicada a lutar contra esse preconceito.

Pecados

A respeito de sua visão sobre os sete pecados capitais, Sottomaior afirma: “A religião é um veneno e esse tipo de coisa é um dos sintomas desse veneno.”

Para a estilista Deborah Natal, o questionamento a respeito do cristianismo aumentou durante a adolescência, mas mesmo na infância não teve uma influência forte da religião. “Eu sempre estudei em colégio cristão, fechado, cheio de dogmas que eram impossíveis de serem repassados para crianças. Religião para mim foi apenas um tema que eu estudei na escola, então desdobrar os sete pecados capitais em todo e qualquer tipo de arte é delicioso. Acho que a primeira coisa que eu fiz quando eu tive oportunidade de fazer um trabalho. Não cometer os sete pecados capitais não faz nada para a sua vida”, afirma.

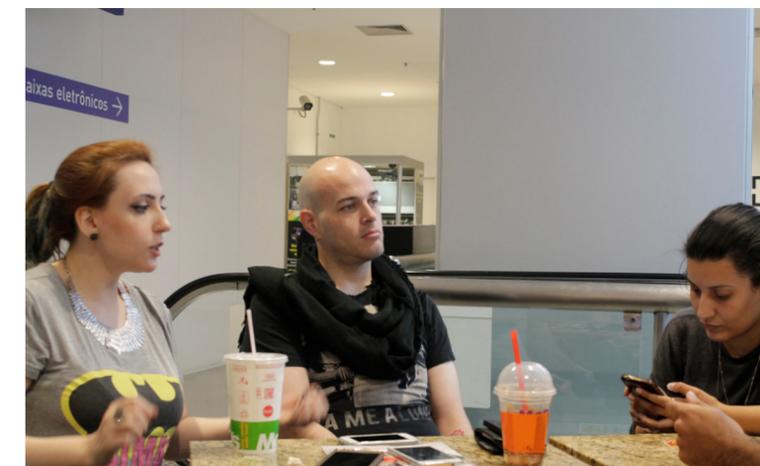
Conrado Diego, publicitário e ateu, conta sua visão sobre pecar. “Pecado é uma palavra bonita que veio do latim, para trazer a quebra de paradigmas e então quando nós estamos na religião católica, nós temos essa listinha com dez coisas que não devemos fazer. São paradigmas que você precisa seguir. Pecar é quebrar um dos paradigmas.”

“Existe também a questão da culpa, de você rezar tantas ‘Ave Marias’, tantos ‘Pai Nossos’ para matar a cul-

pa que aquele pecado gerou; pecado gera culpa, então aquilo pesa em você e quando alguém fala que se você rezar não vai sentir culpa, você fica aliviado”, opina Marília Passos, jornalista e ateaia.

Para Diego, o ateu, assim como o católico de verdade, comprou o lance e acredita na única verdade, a dele. Para ele, a religião é a segunda maior invenção do ser humano, sendo a primeira o dinheiro. “Não importa a religião e qual Deus você pertence e em qual lugar do mundo você está, dinheiro é dinheiro, não se faz nada sem dinheiro. Foi uma mentira inventada para unir pessoas para um propósito, assim como religião, outra mentira inventada para seguir um propósito”, afirma.

“A religião é um veneno e esse tipo de coisa é um dos sintomas desse veneno.”



Deborah Natal, Conrado Diego e Marília Passos, ateus por convicção

A FACE REAL DA GULA

COMER, COMER E PECAR

“Hoje em dia já existem mais variedades de roupas pra obesos, mas na minha época uns 20 anos atrás não havia, eu tinha só um vestido que me servia, eu cheguei a pesar 150 quilos, meu filho tinha vergonha de mim”, relata um membro da sociedade Comedores Compulsivos Anônimos em entrevista à revista Origens.

A gula, considerada como um dos sete pecados capitais, está muito presente na sociedade. Algumas pessoas a encaram como um desleixo, porém há muito mais para se avaliar diante desse fato que está rondando a população. Diversos fatores contribuem para o desenvolvimento de uma compulsão alimentícia, seja por questões fisiológicas como herança genética ou psicológicas, como a ansiedade.

“É preciso entender quais são as necessida-

des internas dessa pessoa, o que ela está precisando saber que acabou colocando a comida no lugar; por trás, pode existir uma ansiedade, como também estar associado ao prazer, e para mim sim a gula está relacionada a esses fatores, não apenas comer por comer”, informa a psicóloga Luciana Maria de Jesus.

Fome emocional é o nome dado a quem mesmo após uma refeição completa, não se sente saciado, acarretando problemas de saúde ao indivíduo, como a obesidade, que no Brasil atinge 35% da população.

O país fica em quinto colocado no ranking mundial de pessoas obesas mórbidas de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Quando uma criança tem os pais obesos, o risco de ela desenvolver essa doença é de 80%. Quando apenas um deles sofre de obesidade a chance é de 40%. Se nenhum dos pais possuírem, o risco cai para 10%. A Universidade de Georgetown afirma, depois de estudos, existir o “gene da gula”; testes em camundongos comprovam falha de comunicação entre o cérebro e o sistema digestivo.

“A genética é um fator muito importante. Você observa pessoas que são de família de indivíduos obesos, tendo uma maior chance de obesidade, por causa do gene, herança genética”, afirma a nutricionista Adriana Ávila.

Seguindo a linha da psicologia evolutiva, pode-se encontrar uma terceira origem para a gula, os ancestrais. “Expressão de instintos nossos que foram moldados pela seleção natural no ambiente em que nossos ancestrais viviam, e esse ambiente era escasso em energia, comparado ao ambiente da vida moderna. Então, há 200 mil anos, quem tinha um apetite insaciável era vantajoso, porque era uma questão de sobrevivência”, acrescenta Adriana.

“Meu filho tinha vergonha de mim”



A psicóloga Luciana Maria de Jesus

Créditos fotos: Ana Carolina Garbim

O que é pecado?

De acordo com conceitos religiosos baseados em cartas do Apóstolo Paulo, o papa Gregório Magno oficializou os pecados capitais, como por exemplo, a gula e a preguiça. Apoiando-se ao conceito religioso, o padre Marcelo Koren, da Paróquia Nossa Senhora da Assunção, explica: “Nós fomos feitos na imagem e semelhança de Deus, e tudo aquilo que você atenta a si próprio e contra ele, de uma forma ou outra você está entrando em uma linha pecaminosa, então para reverter este quadro você tem que se autoanalisar em relação a Deus, as pessoas ao seu redor e a si mesmo.”

Ressaltando o conceito da gula, o padre mostra o seu ponto de vista em relação a esse pecado: “A gula é tudo que vai além do necessário, as pessoas sempre ligam a gula com a comida, não é só isso, porque se é além do necessário pode ser o que você imaginar, não só no âmbito religioso, pode prejudicar sua própria saúde”.

Foi o que aconteceu com Gabriel Figueiredo, atualmente com 90 quilos, porém aos 16 anos, chegou aos 115. “Foi uma época péssima, eu tentava me enturmar nos



A nutricionista Adriana Ávila

Cabo de guerra: Gula x Preguiça

Quem nunca sentiu aquela vontade de aumentar cinco minutos no despertador? Ou prolongar aquele descanso da tarde? Muitos chamariam isso de preguiça, porém em alguns casos isso pode ser um distúrbio emocional, uma doença rara chamada clinomania, que mantém a pessoa com sono e uma vontade constante de se deitar.

Segundo o Ministério do Esporte, 45,9% dos brasileiros são sedentários. Diversas doenças podem surgir devido ao sedentarismo, diminuindo cada vez mais a expectativa de vida, como: hipertensão arterial, diabetes, obesidade, aumento do colesterol, levando até um infarto do miocárdio.



Crianças também estão expostas aos riscos da obesidade

Créditos fotos: Ana Carolina Garbim

OSTENTAR, CONSUMIR, PECAR...



Créditos: Grasieli Souza

MC Elan Carvalho



Créditos: Grasieli Souza

MC Gabriel

“De RR mil e cem e Maserati tô passando a milhares e o recalque tá olhando. Em meio a dificuldades aprendi muitas verdades e entre elas vou olhando. Trajetórias vou criando tipo um vendaval, felicidade vai e vem, proteção é o que convém que os deuses me iluminem, lembro dos tempos que eu passava mó veneno sem atitude e argumento, mas isso mudou”. MC Menor da VP

De tênis Nike no pé, cordão de ouro no pescoço, camiseta da Lacoste e Armani e Oakley Ferrari para evitar o sol, MC Menor da VP, João Pedro Fernandes, 17, defende a importância do funk ostentação. “Muitos acham que o funk não faz parte da cultura musical, acham que é só bagunça, mas o funk hoje em dia é o maior ritmo musical que está tendo porque atrai

todos os públicos e atrai porque todo mundo quer consumir o que a gente canta em nossas músicas”.

Criado em 2008 em São Paulo, com maior destaque no litoral paulista, o funk ostentação marca-se pelo consumo, citando em suas músicas carros de luxo, motocicletas, roupas, bebidas, mulheres e um maior poderio de bens materiais.

Espetáculo

Para o filósofo francês Guy Debord, o espetáculo é uma relação social mediada por imagens. Não é mais a mercadoria que tem autonomia para estipular seu valor, mas sim sua imagem. Da mesma forma, para o funk ostentação, o que tem importância nessa lógica

é a aparência com o intuito de ter e aparecer, o que pode sugerir prática de avareza (foco nos bens materiais), consumo e a ambição de sair da periferia.

De acordo com o MC Menor, no entanto, essa vontade de consumir esbarra constantemente nas condições de vida dos jovens de periferia. “Acho que muitas pessoas querem se exibir como nós cantores, mas se esquecem que suas condições financeiras não deixam. Já vi várias pessoas que querem ter um cordão de ouro, um relógio e mordomia, mas esquecem que a realidade é dura, então acabam roubando carros e motos para ostentarem igual aos nossos vídeos de ostentação”, avalia.

MC Gabrielzinho, Gabriel Almeida concorda. “Eu mesmo já fui assim, isso é uma mania que a garota-

da de hoje em dia tem, quando colocam na cabeça que querem algo não tem nada que os faça mudar de ideia. Tem muitos meninos e meninas que gastam boa parte de seus salários em tênis, roupas caras, entre outras coisas. Em relação à juventude, eu acho normal, mas aconselho a trabalharem para conseguirem comprar as coisas, ao invés de roubarem”.

Histórias do encontro com o funk

MC Menor da VP começou sua história com o funk em 2014. “Estava conversando com um amigo que estava passando por um momento difícil em sua vida; então



Créditos: Grasieli Souza

MC Pedro

decidi criar uma letra chamada 'Trajetórias'. Fiz baseada na minha história e não demorei nem dez minutos para criar. Mostrei essa letra para o meu amigo e ele se identificou muito. Foi então que me interessei em produzi-la e a lancei, e essa música mudou a minha vida. Foi com ela que comecei a ser conhecido e ter um pouco de fama.” Menor da VP conta que sempre teve o apoio de sua mãe e avó, mas seu pai o criticava por cantar funk, porém, com o tempo, conseguiu mudar o pensamento do pai, conquistando respeito e admiração de toda sua família.

Elan Carvalho, mais conhecido como MC Elan, começou a cantar após a

morte de sua mãe. “Sempre gostei de funk, desde pequeno, então em 2014 comecei a fazer letras e apresentar para os meus amigos e eles gostaram. Logo comecei a cantá-las”.

MC Gabrielzinho também conta que o funk já fez história em sua vida. “Meu sonho sempre foi ser jogador de futebol ou cantor. Já cresci fã da música. Sou de família evangélica e cresci dentro da igreja. Entrando na adolescência, passei a admirar o funk que sempre foi o forte nas periferias de São Paulo. Fiz minha primeira letra de funk ostentação 'GPS da Capital', mas não tinha oportunidades de gravação. Na época meu

sonho era ser jogador de futebol, mas por outro lado eu também despertava elogios nas letras que escrevia, então, após ser dispensado das categorias de base, comecei a trabalhar em uma empresa que fabricava peças automotivas e foi aí que passei a me dedicar à música e estudar o funk”.

Muitos acham que o funk não faz parte da cultura musical, acham que é só bagunça, mas o funk hoje em dia é o maior ritmo musical que está tendo porque atrai todos os públicos e atrai porque todo mundo quer consumir o que a gente canta em nossas músicas”.

Metamorfose do funk

Numa mistura de Jazz, Soul, Rhythm e Blues, nasceu o funk na década de 60 nos Estados Unidos, tendo James Brown como o maior cantor, passando por várias mudanças ao longo dos anos. O estilo se espalhou por todos os cantos do mundo. Ao chegar ao Brasil, o seu ritmo mudou e hoje um dos funks mais cobiçados é o Funk Ostentação. Este conta com diversos cantores, ritmos, batidas e letras que por vezes tentam transmitir uma mensagem positiva.

O estilo musical que chamamos de funk aqui no Brasil, na verdade, foi originado do estilo norte-americano *Miami Bass*. Esse ritmo conta com uma pegada eletrônica, explorando ao máximo a temática sexual explícita e as gírias de rua.

Funk consciente

Para quem pensa que funk é apenas manifestação do pecado e falta de pensamento crítico, MC Gabrielzinho indica que funk também é conscientização. “Pecado é uma pessoa tirar da outra para matar suas vontades, um MC ter dinheiro e fama mas não ajudar aqueles que passam dificuldades, inclusive aquele que não tem o que comer e onde morar”.

O funkeiro Elan reitera dizendo o que significa pecado para ele: “o funk tocar nos bailes e as pessoas usarem drogas, incentivar alguém a usar droga, igual tem alguns funks por aí.”

Para o psicólogo e doutor em ciências sociais, Paulo Roberto de Camargo, a ostentação e o luxo, além de criarem a sensação de bem-estar na vida das pessoas, passam a ser elementos fundamentais para a inserção social de alguns grupos. “Para determinada classe social, desfrutar de luxo é fundamental para se inserir no grupo, para se relacionar com o com o outro”.

SEXO, DROGAS E DARKWAVE

A ESSÊNCIA TEMÁTICA DA LUXÚRIA

Em um mundo cheio de regras e padrões comportamentais a serem seguidos, existe uma festa que quebra os paradigmas e enaltece a luxúria, causando até mesmo estranheza. Poder se libertar de todo e qualquer tipo de estereótipo, vestir-se como quiser, com o que quiser – inclusive nada – e apreciar um estilo de música alternativo e conceitual, é uma realidade que agora está presente no Brasil. Toda essa liberdade é representada pelo movimento DarkWave, que teve início na Alemanha após a queda do Muro de Berlim, em 1989. A capital alemã é o berço do movimento e serve de inspiração para as festas DarkWave que acontecem no Brasil.

A festa que quebra os paradigmas e enaltece a luxúria.

Com uma vibe mais liberal, esse movimento vem atraindo cada vez mais frequentadores, seja pela nudez liberada, sexo permitido – em um ambiente específico e com consentimento, já que o abuso sexual é uma prática que eles condenam – e consumo de drogas facilitado pelo ambiente escuro e psicodélico. Pregando liberdade e aceitação, essas festas celebram as diferenças e individualidades de cada um, como uma nova forma de autoexpressão.

Maurício Ostronoff, de 26 anos, é organizador de festas DarkWave e diz que o público é composto por jovens, em sua maioria, LGBT. “Acho que esse tipo de festa não é exclusivamente um negócio, mas sim uma maneira dos jovens se expressarem do seu modo. Tem muito mais paixão envolvida do que uma balada grande, que sempre acaba parecendo muito mais programada e menos espontânea”, conclui Ostronoff.

O DarkWave tem nuances que se assemelham muito ao pecado da luxúria, que consiste no excesso de importância aos prazeres carnis e sexuais, o erotismo, prazer liberal e até mesmo a paixão que é um ponto essencial desse pecado e está presente no movimento, que é um exemplo claro desse conceito. Por ser uma festa que prega a liberdade de fazer o que bem entender, ela pode acabar abrindo precedentes para atos que podem ser prejudiciais para os organizadores, funcionários e frequentadores. O estudante de editoração e frequentador de festas com essa temática, Pedro Muriel, relata: “Eu já vi gente passando mal de *pt* (desmaio por excesso de álcool no organismo) e cheirando três carreiras de cocaína para levantar, eu achei isso um absurdo, aparentemente isso vai contra as regras do estabelecimento, mas ao mesmo tempo parece não ser”.

O consumo liberado de drogas não faz parte da essência do movimento e acaba dependendo muito da organização do evento. “Você precisa do mínimo de consciência de que isso pode prejudicar alguém que trabalhe lá, mas tem lugares que as pessoas fumam na pista mesmo, depende muito do local”, conclui Muriel.

A entrada de menores em festas desse estilo é bastante frequente, já que a fiscalização e controle são facilmente burlados com documentos falsos. Não tendo um local fixo, o movimento é realizado em diferentes casas noturnas de São Paulo, com mais frequência no centro e sempre nos fins de semana.



Pedro Muriel em palco de uma festa Dark Wave

MANIFESTANDO A IRA

A péssima combinação de manifestações políticas e raivas coletivas nas ruas da cidade

Avenida Paulista, quarta-feira, 16 de março de 2016, um casal após o término do expediente de trabalho anda pela avenida mais importante na cidade de São Paulo. Decidem passar por um dos pontos turísticos mais relevantes da capital, o MASP, mais precisamente o vão livre.

Após fumar um cigarro e conversarem sobre os fatos do dia de trabalho, se deparam com um ato contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e a presidente da época, Dilma Rousseff. O que seria apenas uma manifestação contrária ao governo, tornou-se um cenário de

agressão a um casal que apenas não concordou com os gritos de ordem e com a forma de expor essa insatisfação de alguns participantes.

O início da agressão se deu ao fato de um dos integrantes ter gritado no ouvido da jovem “Lula tem que ser preso”. A jovem teve a reação natural de qualquer pessoa ao ser incomodada de tal forma, se indignar. “Ela falou não e começou a discussão”, segundo o namorado da vítima.

Esse foi o estopim para diversas agressões físicas e verbais de alguns manifestantes, exemplificando bem a forma com que algumas pessoas encaram protestos

ou uma posição diferente da sua, seja isso na política, esportes e em qualquer assunto, a ira.

A linha tênue entre protestos e violência é algo que cada vez mais tem se encontrado presente, sendo que o intuito das manifestações em sua maioria é pregar o protesto livre, mas a intolerância tem sido uma constante seja ela física ou não. O professor de Ciências Políticas Luiz Antonio Vital Gabriel esclarece essa realidade nas manifestações: “os atos de intolerância política, de preconceitos, de xenofobia, de agressividade que marcaram muitas manifestações neste último período têm dois elementos fundamentais que devem ser levados a cabo: um, o cansaço, para não dizer o descrédito com a própria ação política institucional, o outro, o discurso de intolerância política, da agressividade e da cultura da violência que assola nossa sociedade”.

Um dos sete pecados capitais, a ira é um dos mais usuais na nossa sociedade atualmente. Esse pecado é designado pelo sentimento de raiva, ódio, rancor de determinada situação. A Igreja católica, por exemplo, define como um pecado “mortal”. A semelhança entre muitas ações de grupos em manifestações com esse pecado é algo extremamente preocupante. “O indivíduo na massa, no grupo, tende a perder momentaneamente seu ‘ethos’ individual para assumir um ‘ethos coletivo’ e passa a agir refletindo não o seu caráter, mas assumindo o do grupo”, conclui Gabriel.

Vermelho X Verde e Amarelo
Nas manifestações, a Polícia Militar representa o Estado e a forma que ela lida com os manifestantes é conturbada e muitas vezes julgada como incorreta. “O governo tem pouca importância na definição de como a polícia militar vai agir. A ação da Polícia Militar tem que ser técnica. Como comandante de uma operação eu não posso cumprir uma determinação que seja contra as

regras, logo, o governo que não domina a parte técnica não pode interferir na parte técnica, então a Polícia Militar vai agir como tem que agir”, esclarece o major da Polícia Militar Emerson Massera.

Por outro lado, Flávia Bischain, professora e militante partidária do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), já foi alvo de agressões enquanto manifestava. “Em 2013 achei que ia morrer em um protesto; eram muitas bombas. Na ocupação das escolas eu recebi ameaças”. Flávia disse também que foi ameaçada por policiais. “E quando a gente estava saindo do espaço lá, um policial falou: ‘A gente vai ter que arrebentar essas lideranças’ e ameaçou os meus alunos, então é meio que uma realidade para quem participa; isso é um problema, não pode ser, mostra o papel do estado em tentar impedir as mobilizações e manifestações”, completou.

Nos últimos anos, as manifestações estão cada vez mais frequentes e violentas. É obrigação da Polícia a segurança dos cidadãos e dos bens públicos e privados. Manifestar é um direito de todos, desde que não prejudique e interfira na segurança e liberdade dos demais.



Flávia Bischain, militante do PSTU, afirma ter sofrido ameaças



Emerson Massera, major da Polícia Militar

ESPELHO, ESPELHO MEU...

Vaidade, identidades e pecados no mundo da moda

Ao falar em vaidade todos se identificam de alguma forma, pois cada um tem algo a que se “apega”, seja com os cabelos, unhas ou até mesmo as roupas. No entanto, o senso comum tende a vincular mais o mundo da moda à vaidade. Mas até que ponto isso é verdade? Quando a vaidade pode se tornar nar-

cisismo? Modelos vivem no luxo? Aceitam tudo pelo dinheiro e pela fama?

A modelo Patrícia Pili explica que a partir do momento em que o trabalho é aceito, deve-se fazer tudo o que pedem, mas sempre do ponto de vista profissional, por exemplo “Se a pessoa quiser colocar um abacaxi na minha cabeça e mandar eu desfilar, eu vou ter que fazer pois é meu trabalho e assinei contrato aceitando isso”.

Ao ser questionada sobre a prática do ‘book rosa’ (profissionais que prestam serviços de acompanhante e/ou sexuais em troca de bonificações), Patrícia conta que já recebeu algumas propostas, mas nunca aceitaria, pois não faz parte da sua índole, e quando se aceita uma vez fica marcada e rotulada para sempre, mas conhece gente que faz e que recebe muito dinheiro e vive no luxo.

Patrícia também afirma já ter sido julgada pela vaidade. Conta que após um desfile foi direto para a instituição de ensino e sentiu-se incomodada pelos olhares diferenciados, “Eu estava muito produzida, com make preta e cabelo enorme e me senti um E.T. dentro da faculdade, sem brincadeira, as pessoas me olhavam com caras horrorizadas, me senti muito mal nesse dia”.

A modelo fotográfica Mirella Nascimento diz que se sente mal quando não está produzida. “Eu nem saio de casa sem me produzir, meu namorado mesmo nunca me viu sem maquiagem, nem que seja pra ir no mercado eu passo, principalmente quando chega alguma visita. Eu me sinto outra pessoa quando não estou arrumada”, declara.

A modelo Thauana Moraes diz que a primeira vez que fez um ensaio estava super produzida e saindo do desfile foi direto a um shopping, “Pensei em desman-

char o cabelo, só que estava enorme e iria ficar pior; então decidi continuar do jeito que estava e usando minha credencial para as pessoas saberem que eu era modelo, e fui de salto porque modelo nunca desce do salto, mas depois desse dia nunca mais quis saber de sapato com salto alto na minha vida”.

Inveja

Lorran Nunes, modelo e ator, diz que já recebeu algumas propostas indecentes e não aceitou porque acredita que tudo tem seu limite. Diz também que tudo em excesso faz mal e sua única vaidade exagerada é com o cabelo, pois não consegue ficar cinco minutos sem arrumá-lo. O modelo também admite que já tentaram “puxar seu tapete”, em um desfile em que a pessoa se considerava ‘melhor’ por ser mais alto e dizia que ele não teria tantas chances por ser mais baixo, e ao final do desfile foi Lorran que conseguiu maior destaque. Isso para ele foi o maior prêmio de todos.

Nunes também explica que é uma área difícil e para se ganhar dinheiro muitas pessoas se submetem a fazer eventos. “Nesses lugares têm sempre pessoas bonitas e apresentáveis trabalhando; também acontece muito das pessoas beberem e ficarem loucas usando drogas, é uma coisa muito frequente nessa área, então você tem que ter uma boa cabeça”, conta.

Falta de ética e pecado

Thauana explica que tudo aquilo que é feito sabendo que não será certo e que ficará com a consciência pesada é considerado pecado, e acredita que se fizer algo para pre-



O modelo Lorran Nunes diz que a inveja é o pior dos pecados no mundo da moda

judicar alguém nos bastidores da moda só por inveja, isso acabará não dando certo, pois todo trabalho só ocorre em grupo e se fizer algo ruim para alguém, estará destruindo seu próprio trabalho e todo o seu desenvolvimento.

Para Patrícia, entre o que é aceitável e não aceitável, o que você considera como errado é um pecado.

Para Nunes, pecado é tudo que aparece em excesso. “Faz mal e a coisa mais bonita que se tem no ser humano é a naturalidade”.

Identidade

Para o psicólogo Rubens Molina Pierozzi, a identidade das pessoas é formada por quatro elementos, primeiro como você se vê, segundo como os outros te veem, terceiro como você gostaria de ser e quarto como você gostaria que os outros te vissem. “A identidade das pessoas é como uma bolinha que está no meio de um quadrante e essa bolinha flui para um lado e para o outro, conforme a situação em que você está. A partir do momento que você perde a sua autoimagem e sua identidade e começa a fazer coisas exclusivamente para que os outros valorizem, como se vestir com as roupas da moda, maquiar-se conforme o padrão ou fazer plástica para ficar igual ao que os outros querem, o que terá de você dentro dessa imagem? Nada. Então quanto mais prejudicada fica sua autodefinição, mais a vaidade estará te prejudicando.”

De acordo com o professor e psicólogo Paulo Roberto de Camargo, não existe problema nenhum em ser vaidoso. “Todos nós temos pontos de vaidade, inclusive a pessoa mais vaidosa é aquela que diz que não tem vaidade alguma”, afirma.



Para a modelo fotográfica Mirella Nascimento, a “produção” faz parte de seu dia a dia



As modelos Patrícia Pili e Thauana Moraes afirmam já terem sido julgadas como “vaidosas”

OS SETE PAÍSES CAPITAIS

세상에 (oh my God!)

por Marcos Paulo Neiva

Kim Jong-Un, ditador de 33 anos, garante que os Estados Unidos e Coreia do Sul tem inveja do armamento nuclear do país mais fechado do mundo.

A Coreia do Norte se vangloria dos testes nucleares que vem realizando, numa tentativa de mostrar ao mundo que tanto a inveja – segundo Kim Jong-Un – que estão prontos para responder a qualquer ataque de outros países, principalmente seu grande rival, a terra do Tio Sam, os Estados Unidos da América.

Fettuccine tamanho 36 / lasagna tamanho 34

por Marcos Paulo Neiva

Com uma arquitetura e história impecáveis, a Itália inspira e expira vaidade. O consumo e necessidade de exibição são 'atrativos'.

Além da culinária maravilhosa, a Itália é considerada a *capital da moda*, já que conta com algumas das maiores grifes do mundo. O impacto na indústria, no comér-

cio, na arte e música torna Milão umas das principais cidades do mundo. O *quadrilatero della moda*, conjunto de quatro importantes ruas da cidade, abriga nomes como Gucci, Prada, Versace e Dolce & Gabbana.

Um Oriente de Riquezas / Os Emirados Árabes "Ricos" e Unidos

por Marcus Rovigatti

Um dos cenários mais glamorosos, ricos e valorizados do Oriente, os Emirados Árabes Unidos, é um dos países mais ricos do mundo, conhecido principalmente pela ostentação, como maior exemplo a cidade de Dubai, um polo turístico que é ponto de encontro de magnatas, milionários e sheiks do petróleo. A valorização dos bens materiais é algo essencial nesse país, eles querem desfrutar do melhor que o dinheiro pode proporcionar, mas um dos pontos positivos de toda essa riqueza, é o investimento em estrutura, luxo e obras altamente tecnológicas.

Um pecado saboroso

por Vitor Camargo

A obesidade é um sério problema nos Estados Unidos. A epidemia crescente da doença no país já atinge 40% das mulheres, 35% dos homens e 17% das crianças e adolescentes segundo estudos realizados pelos Centros para Controle e Prevenção de Doenças (CDC).

Apesar das diversas campanhas feitas pelo governo, incentivando a população a se alimentar corretamente e combaterem a doença, os dados ainda são preocupantes e caso não haja uma mudança significativa no cardápio dos americanos, a previsão é de que em 16 anos, metade da população norte-americana seja obesa.

Rússia, avante! / A Ira russa

por Marcus Rovigatti

O Império russo, URSS, Federação Russa, nomes e gerações diferentes para o mesmo conjunto de países, que tem apenas uma coisa em comum, a forte influência em inúmeros confrontos e guerras no decorrer dos anos. A Rússia é a 2º maior potência em poder bélico, perdendo apenas para o seu maior rival, os Estados Unidos. Os russos também são conhecidos por sempre estar numa disputa constante com o ocidente, o próprio presidente Vladimir Putin é a maior expressão desse senso de "batalha constante", a sensação que passa é que os russos estão sempre irados com algo.

A terra do prazer / o país da luxúria e do prazer

por Vitor Camargo

Estudos realizados pela *Durex Global Research* revelam que a Suíça está em primeiro lugar no ranking dos países mais sexualmente satisfeitos do mundo. Mais de 21% dos suíços consideram sua vida sexual excelente e 32% já fizeram sexo em lugares públicos. O país onde a prostituição é reconhecida oficialmente possui bordéis licenciados, locais públicos sinalizados para a prostituição e até mesmo cabines de sexo.

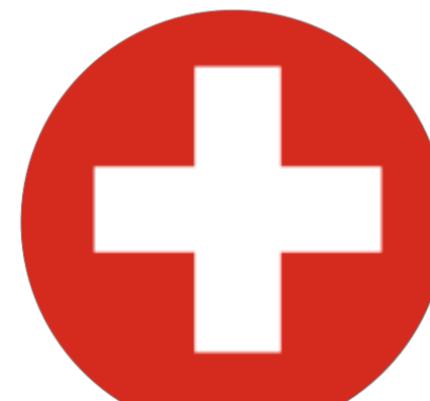
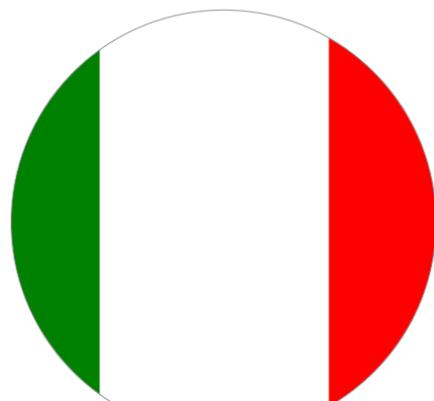
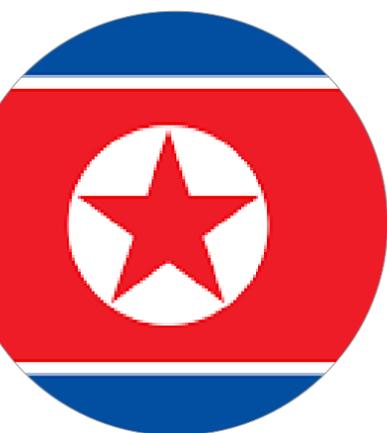
Toda essa luxúria, no entanto, não influencia nos índices de gravidez. Com programas de educação sexual que começam cedo nas escolas, a Suíça apresenta uma das menores taxas de gravidez do mundo.

Título? Ah, deixa pra depois...

por Marcos Paulo Neiva, Marcus Rovigatti, Vitor Camargo

O pecado da preguiça é definido como quem vive em estado de negligência, lentidão, desleixo, falta de capricho, de empenho, aversão ao trabalho, ócio e vadiagem.

O Brasil é conhecido como o país do jeitinho e da malandragem, tirando vantagem de tudo. O "deixa pra depois", "amanhã eu faço" e "ninguém tá vendo", fazem parte do famoso "jeitinho brasileiro" que somado à falta de empenho por parte da população, de seus governantes, e comprometimento com os deveres, acabam resultando em grandes problemas e acaba deixando o país muito atrás nos rankings do índice de desenvolvimento humano (IDH).



PECADOS E RELIGIÕES

A VISÃO DE DIFERENTES RELIGIÕES SOBRE OS PECADOS

A palavra pecado vem do latim “*peccatum*” e significa “falta, culpa, delito, crime”. A definição de pecado varia de acordo com a religião, podendo ter várias visões e significados. Alguns credos, como a Igreja Católica, acreditam que o pecado nos condena ao sofrimento eterno e precisamos obter o perdão de Deus.

Já o espiritismo não tem a mesma noção de perdão e não acredita que Deus nos condena.

O conceito de pecado para a católica Maria Satiko Oliveira Melo, aposentada de 74 anos, é “Tudo que faz mal, que prejudica, explora ou lesa o próximo é pecado”. Já para seu marido, Pedro Oliveira Melo, aposentado de 78 anos, “A igreja pode ter catalogado os pecados, mas o que importa é a sua consciência, tudo que ela disser que é errado é pecado.” Assim já vemos que há diferenças com o conceito de pecados capitais que a Igreja Católica lançou no século XIII.

Os sete pecados

Os sete pecados capitais definidos pela Igreja no século XIII são: Gula, Luxúria, Avareza, Preguiça, Ira, Soberba e Inveja. O discurso sobre pecado teve de ser mudado pois nos dias de hoje a igreja se vê presente em uma cidade cada vez mais antropocêntrica, segundo o Padre Hugo Pereira de Souza da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, em São Paulo. “Por isso hoje nós dizemos que pecado é aquilo que tira a sua humanidade e te desfigura, o fazendo agir como um animal. Deus tem um projeto para a humanidade para que ela chegue à sua realização máxima e o pecado é aquilo que impede esse feito”.

Além disso, a Igreja escreveu novos pecados para que estes fossem adaptados à realidade em que as sociedades estão inseridas. Em uma entrevista para BBC Brasil, o monsenhor Gianfranco Girotti, responsável pelo tribunal da Cúria Romana que trata das questões internas do Vaticano afirmou que, ao contrário dos anteriores, os novos pecados vão além dos direitos individuais e têm uma dimensão social. Esses novos pecados são: fazer modificação genética, poluir o meio ambiente, causar injustiça social, causar pobreza, tornar-se extremamente rico e usar drogas.

Confissão

O catolicismo é uma das religiões que acreditam que é necessário confessar para o padre, figura que representa Deus, para obter o perdão divino pelos atos cometidos.

“Assim, quando você confessa o pecado, ele te perdoa, mas você precisa ter convicção de que não cometerá aquele pecado novamente. O padre te dará alguma tarefa pra fazer, como ajudar um pobre com uma cesta básica, de acordo com o teor do pecado ele te dá uma penitência”, diz Melo.

O padre Hugo Pereira reforça a importância da confissão para a religião católica. “A nossa religião busca através do sacramento estabelecer essa comunhão com o ser divino, se quebramos essa união com nosso pecado, a igreja tem a tarefa de dar essa absolvição para que a pessoa obtenha essa ligação com Deus”. Para ele, todos são bem-vindos em sua igreja porque todos são pecadores, e o intuito de ir à igreja é a busca pela santidade.

A Igreja Evangélica possui mais semelhanças com a Igreja Católica quando o assunto é pecado. Para a missionária Rosana Santana, de 49 anos, “É pecado tudo aquilo que traz sofrimento ao outro e a si mesmo, seja prostituição; adultério; matar e até mesmo julgar a vida alheia”. Para ela, a redenção se dá do mesmo modo que os católicos acreditam, pelo arrependimento e pelo perdão de Deus. Porém, sua percepção muda quando diz que “Deus não castiga, ele nos dá o livre arbítrio e nos perdoa. As próprias pessoas se castigam, é uma consequência das suas escolhas”.

Carma

Apesar de ter uma nomenclatura um pouco diferente, o espiritismo também tem grandes semelhanças quando comparado a outras religiões acerca do conceito de pecado. De acordo com Tiburcio Guimarães, analista de sistemas de 54 anos, “No espiritismo existem ‘As leis universais’, e o homem por desconhecer essas leis e até mesmo por livre arbítrio, as desobedece e tem de arcar com as consequências. Para alguns esse ato é chamado de pecado, nós o chamamos de “carma” [...] O carma pode ser positivo ou negativo, sendo resultado de qualquer ação, seja um ato, uma fala ou até mesmo um pensamento, seguindo a lei de ação e reação [...] Em resumo, o pecado para nós se refere a ações que não estejam de acordo com os princípios de Deus”.

O budismo segue a mesma linha de pensamento, já que os seus adeptos também seguem a lei do carma. De acordo com Francisco Handa, monge da Comunida-



Entrada da comunidade budista Soto Zenshu



Monge Francisco Handa

de Budista Soto Zenshu, “Todos nós praticamos o carma e todas nossas ações geram uma consequência, podendo ser uma consequência imediata ou não. Assim, o carma segue a lei de ação e reação.” Por conta dessa doutrina o conceito de pecado não se mostra presente no budismo, pois segundo o monge Francisco “O pecado pertence às religiões mosaicas; no caso o judaísmo, o islamismo e o cristianismo. Dentro dessas culturas o pecado se mostra muito presente, já no budismo nós não compreendemos essa ideia.”

Embora no Brasil haja uma pluralidade de religiões, o cristianismo exerceu uma influência de conceitos em

outros credos, como a umbanda. Essa herança cristã é o que faz com que existam divergências entre a umbanda e o candomblé, principalmente no que diz respeito às entidades que cultuam e a forma como fazem seus rituais. A distinção entre os dois credos se dá por conta de suas origens, já que o candomblé é uma religião herdada da África e trazida pelos escravos e a Umbanda se trata de uma religião brasileira que incorporou conceitos do cristianismo aos cultos africanos.

Ambas podem se diferenciar na forma como conduzem a sua fé, porém, acabam convergindo para o mesmo conceito quando se trata do pecado. Nelson

Diferentes pecados para o catolicismo

Pecado: Transgressão livre e deliberada da lei de Deus. A essência do pecado é a rebelião contra Deus; e será pecaminoso todo o ato em que a vontade humana se opuser à vontade divina como tal conhecida por consciência. A Igreja tem o poder de fazer voltar a alma à amizade de Deus e o exerce através do sacramento da Penitência ou Confissão.

Pecado Atual: Todos os atos ou omissões que são contrários à lei de Deus. São pessoais e voluntários, e assim chamados em contraposição ao pecado original.

Pecados Capitais: São as sete principais fontes de atos pecaminosos: orgulho, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. Não são propriamente pecados, embora assim chamados, mas, sim tendência da natureza para esses atos de orgulho, gula etc. São chamados de capitais porque são a fonte ou a raiz de outros pecados.

Pecados Que Clamam Aos Céus Por Vingança: Em virtude da sua malícia (são todos pecados contra a sociedade), parecem pedir castigo por um ato especial da Justiça Divina.

Pecados contra o Espírito Santo: Seis pecados que podem ser considerados contra o Espírito Santo, embora se diferenciem do pecado que Jesus Cristo descreveu como sendo pecado contra o espírito Santo. Os pecados são: desesperar da própria salvação, conflitar presunçosamente na misericórdia de Deus, atacar as verdades aceitas pela Igreja, invejar o bem espiritual do outros, permanecer, obstinadamente, em estado de pecado mortal, e, a impenitência final.

Pecado Mortal: Violação da lei de Deus em matéria grave com advertência e consentimento, voluntariamente. Três condições se requerem para que haja um pecado mortal - 1) Que a ação seja grave; 2) Deve haver advertência de que esse ato a ser realizado é grave; 3) Deve haver pleno consentimento da vontade escolhendo-se livremente a ação má. Eles matam a vida sobrenatural da alma, tirando-lhe a graça santificante.

Pecado Original: O pecado que Adão cometeu ao desobedecer Deus, desencadeando todos os outros tipos de pecados.

Pires Filho, sacerdote e presidente da Federação Afro Brasileira Espírita Guardiões da Luz, explica: “O pecado tem uma filosofia herdada das religiões judaico-cristãs, que enxerga uma consequência de toda sua estrutura doutrinária, o que não acontece nas religiões afro. Isso não ocorre, pois o candomblé não tem herança cristã, ao contrário da umbanda. E mesmo a umbanda tendo incorporado alguns conceitos cristãos, a concepção literal de pecado foi deixada de lado. Assim, o pecado não encontra respaldo nessas religiões, já que o princípio dessas religiões se dá pelo livre-arbítrio para que cada indivíduo se aproxime de Deus, seguido da responsabilidade de cada um.”

Quando se trata da redenção do pecador, Pires Filho reitera que a umbanda se distingue do cristianismo na concepção de que o indivíduo deve ser perdoado para redimir dos seus atos. “Na umbanda, o pecado está destituído de força em razão da ligação entre livre-arbítrio e a responsabilidade das decisões. O homem é responsável por suas decisões, cabendo a ele arcar com o peso de cada escolha. Temos o conceito de pecado com um caráter moral, prezando pelos bons princípios; sejam os princípios de família, de amor e de fé.”

Religiões no estado de São Paulo

Fonte: IBGE

Religião	Quantidade de adeptos
Judaísmo	51.050 pessoas
Hinduísmo	1.822 pessoas
Budismo	153.564 pessoas
Islamismo	14.778 pessoas
Evangélicas	9.937.853 pessoas
Católica Apostólica Romana	24.781.288 pessoas
Espírita	1.356.193 pessoas
Umbanda e Candomblé	141.553 pessoas
Sem religião	3.357.862 pessoas

Ciência da religião

A Ciência da Religião é um campo de pesquisa que estuda o assunto de um ponto de vista mais científico. Para Jorge Claudio Noel Ribeiro Júnior, professor livre-docente e titular em Ciência da Religião pela PUC-SP, o conceito de pecado tem relação direta com o efeito que produz. “É alguma coisa que o ser humano faz que prejudique ao outro, a si mesmo e ao planeta. Nesse sentido, é algo mais focado no efeito que produz do que essencialmente em sua natureza intrinsecamente religiosa. O pecado é algo que o ser humano faz e se mostra prejudicial e não algo listado em algum lugar, como os dez mandamentos e os sete pecados capitais.”

Além disso, o professor ressalta que o pecado é uma maneira de transmitir medo para os fiéis de determinada religião, sendo que ao pecar, é certo de que uma punição, tanto nessa vida quanto nas próximas, virá. Com o decorrer do tempo e a evolução da humanidade o significado de pecado foi mudando para conseguir englobar as características do novo mundo. “A definição de pecado é algo genérico, mas o que vem a ser um pecado depende da evolução ética de humanidade. O que as religiões consideram como aceitável ou não também é passível de evolução”, comenta.



Nelson Pires Filho, sacerdote e presidente da Federação Espírita Guardiões da Luz

PECADO EM SALA?

O ENSINO RELIGIOSO EM DEBATE

De acordo com o Artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96: O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

Segundo dados do Questionário Diretor Prova Brasil 2011, 66% das escolas ministram aulas de Ensino Reli-

gioso, dentre elas 51% tem o costume de fazer orações e cantar músicas religiosas e 22% têm objetos e imagens religiosas expostos. De acordo com a Constituição e a LDB, as escolas não têm como objetivo doutrinar.

Nas escolas públicas, o governo não pode interferir no conteúdo dado em sala de aula devido à sua laicidade. Segundo o Artigo 19 da Constituição “É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público”. Desse modo fica a encargo da escola decidir o que vai ser passado.

Duas escolas particulares, Colégio Franciscano Pio XII e Colégio Nossa Senhora de Sion, relataram como suas aulas são passadas. Em ambas o objetivo é informar seus alunos sobre as semelhanças e diferenças entre diversas religiões, prezando que os estudantes entendam que não há somente uma forma de encarar o mundo.

Dos assuntos estudados que vão desde a Campanha da Fraternidade à ecologia, os sete pecados capitais são um dos temas que mais geram debates na sala de aula. A coordenadora e professora de ensino religioso Maria Aparecida Rocha do Colégio Pio XII, em São Paulo, afirma: “Os alunos fazem muitos questionamentos, porque a doutrina católica é muito rígida nessas questões, e nós aprofundamos essa rigidez na catequese, pois não é o objetivo das aulas de ensino religioso ter esse enfoque de cobrança, mas sim ter uma transmissão de conhecimento e ter uma conversa a respeito.”

A representante da direção geral do Colégio Nossa Senhora de Sion, a freira Vilma Mamédio dos Santos diz: “Eu não falo o termo ‘pecado’ em sala de aula, eu os refiro como ‘faltas’. Coisas como ‘quais as faltas que cometemos com o outro?’, porque quando você prejudica o outro você também se prejudica. Essa é a noção que

queremos passar, por isso damos uma visão mais leve sobre esse tema, pois uma criança de sete anos ainda não sabe o que é pecado, ela mal sabe o que é a vida. Quando uma criança tem uma atitude ruim, eu não digo que ela pecou e sim que teve uma atitude que a fez se sentir mal”.

No entanto, a relação entre o ensino religioso e o Estado é bem mais complicada e antiga do que parece. De acordo com Roseli Fischmann, professora doutora coordenadora do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, esse vínculo começou na época do Império, quando o Estado se encontrava diante de governantes que eram abertamente ligados à igreja. Essa conexão influenciava diretamente nos direitos civis dos cidadãos, porque aqueles que não seguiam o catolicismo não tinham direito a documentos civis e a um sepultamento. Os padres que ministravam as aulas obrigatórias de ensino religioso, que tinham caráter doutrinário, eram pagos pelo Estado. Com o fim do Império e o surgimento do Regime Republicano, a igreja perdeu parte da sua influência e custeamento, pois o primeiro gesto da república, em 1889, é de que as escolas públicas terão ensino laico, isso perdurou até



Capela em colégio paulistano

o fim da era republicana. No governo de Getúlio Vargas há uma retomada das relações com igreja católica, onde é colocado que o ensino religioso é obrigatório para a escola e facultativo para o aluno, cabendo a ele decidir se quer se matricular nessa aula ou não.

Nos dias atuais ainda há muita inconsistência sobre o funcionamento do ensino religioso nas escolas, pois está previsto no Artigo 19 a laicidade do Estado, assim ele não pode interferir nas questões religiosas. Porém há um conflito com o primeiro parágrafo do artigo 210 onde diz que o ensino religioso é obrigatório em todas as escolas públicas em horário normal de aula, mesmo que de forma facultativa, gerando uma confusão sobre se o ensino é imposto pelo Estado ou não.

No Supremo Tribunal Federal (STF) há uma ação direta de inconstitucionalidade cuidada pelo Ministro Luis Roberto Barroso e no tribunal foi realizada uma audiência pública em Junho de 2015 sobre esse tema, no entanto, o processo foi paralisado por conta de outras ações judiciais envolvendo a política nacional.

Por conta dessas contradições, as escolas divergem na forma de ensino, pois está a cargo dos professores a forma como organizam as aulas.

Roseli completa dizendo: “Nós como seres humanos somos muito falíveis e quando temos um lado religioso, nossa balança moral inevitavelmente pende para esse lado. Por isso o preconceito, pois você pode falar de algum grupo religioso com base no que você aprendeu em uma leitura e de outro você fala com razão e emoção, pois é a sua religião. Isso tem grande peso na forma como você ensina os seus alunos, pois somos humanos e não conseguimos purificar isso”.



A professora de ensino religioso Maria Aparecida Rocha



A freira Vilma Mamédio, do Colégio Nossa Senhora do Sion

LUIZ FELIPE PONDÉ: A FILOSOFIA DO PECADO



Na PUC-SP, onde leciona no curso de Ciências da Religião.

O ensaísta, escritor e filósofo Luiz Felipe Pondé nasceu em Recife, em 1959. Graduado em medicina pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), também cursou filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Fez seu doutorado na França, em parceria com a USP, pela Universidade de Paris-VIII, onde se encantou pelo estudo das religiões e fez pós-doutorado pela Universidade de Tel Aviv em Israel.

É professor de Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP) e Coordenador de curso e vice-diretor da Faculdade de Comunicação e Marketing da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP). Também assina uma coluna semanal na Folha de São Paulo, onde discute temas como comportamento, ciência e religião.

Entre diversos livros publicados, o mais recente, “Filosofia Para Corajosos” (2016), e o “Guia Politicamente Incorreto da Filosofia” (2012), que entrou para a lista dos mais vendidos. Um dos grandes pensadores contemporâneos, com ideias bastante controversas, discute sem medo, e nem pudor, o seu ponto de vista sobre a relação entre religiões e o pecado.

ORIGENS: Qual a sua relação com as religiões e qual foi o seu interesse em se aprofundar no assunto?

LUIZ FELIPE PONDÉ: Minha relação com as religiões é uma relação de

estudo. Empiricamente aconteceu que eu fui fazer doutorado. Eu peguei uma bolsa de estudos ‘sanduíche’ em Paris e eu ia fazer um doutorado sobre a concepção trágica em Freud. E fui pra lá, tinha um orientador. Portanto, eu já tinha um interesse na religião grega trágica. Eu cheguei lá e meu orientador morreu na primeira semana, e eu fiquei órfão de orientador. Outro professor me pegou pra orientar, que não tinha nada a ver, e eu tinha uma lista de autores trágicos pra ler. E nessa lista estava o Pascal. Quando cheguei no Pascal, gostei tanto dele que transformei meu doutorado em um doutorado sobre Pascal. Ele era jansenista, muito agostiniano, e aí eu comecei a ler essa literatura e fiquei encantado com a concepção antropológica deles. A segunda coisa, que também aconteceu lá, foi quando eu comecei a ter aula sobre mística medieval e eu também me encantei pelos textos místicos, pela descrição da experiência mística, experiência estética, sensorial dos textos masculinos e femininos da Idade Média. Então foi uma coisa que aconteceu um pouco ao acaso, mas que aí eu fui descobrir, depois estudei judaísmo também, que apesar de vir de família de origem judaica, eu nunca estudei judaísmo. E eu me encantei pela antropologia, pela discussão escatológica e dentro da antropologia, a concepção de pecado.

O: Por que a sociedade precisa de religiões?

LFP: Porque o ser humano é um ser desesperado que não tem sentido na vida, e sofre, morre, adocece; o mundo é injusto. Eu acho que as religiões nunca vão deixar de existir, talvez se a gente viver 150 anos e virar imortal – apesar de que a gente vai ficar meio besta – talvez acabem. Acho que a gente precisa de religiões porque a gente é imperfeito, porque a vida é imperfeita. E a gente tem uma atividade imaginativa que produz experiências sensoriais fortes, que dão sentido pra nós e dão narrativas de outras formas de vida. Depois dessa vida ruim aqui, mortal.

O: Qual o conceito de pecado no seu ponto de vista?

LFP: No meu ponto de vista específico, eu entendo pecado como um conceito que descreve uma disfunionalidade *a priori* do comportamento humano. É um conceito operacional, que é bastante útil pra se entender a imperfeição do ser humano. Entre outros, acho que

Freud tem também uma teoria de ser humano, muito interessante, que também fala de certa disjunção e do conflito interno das pulsões. Schopenhauer tem outra teoria interessante. O pecado é uma teoria muito forte, inclusive porque ela é bem organizada, ela tem descrições fenomenológicas: inveja, luxúria, que de fato são experiências que fazem com que você se perca mesmo dentro delas. Então, eu entendo o pecado como um conceito antropológico filosófico, apesar de saber que a sua origem é teológica.

O: Você acha que esse conceito foi criado como uma forma de moralizar a sociedade?

LFP: Eu acho que a sociedade se moraliza naturalmente, porque sem moral a gente é bicho, então é. Mas é, digamos assim, porque tem várias formas de moralizar. Uma delas é você dizer que se você agir de tal forma vai acontecer uma coisa ruim pra você. Agora, eu acho que esse não é o foco mais interessante, porque se você se afundar na luxúria, você vai se ferrar, porque quando você perceber vai estar completamente dominado

pelo desejo sexual, completamente enterrado pelo desejo sexual. Ou se você tiver muita inveja, vai morrer de inveja. E se a gente peca, o pecado no sentido moralizante só, a gente engata na tradição de crítica à religião e acha que a crítica à religião resolve. Não resolve. O pecado é um conceito bastante consistente antropológicamente, acho melhor do que luta de classes, na verdade.

O: Existe uma linha tênue entre “pecar é errar” e “o que é pecado é mais gostoso”. Qual a sua reflexão sobre isso?

LFP: Para isso tem Sade que fala muito da transgressão como uma coisa gostosa. Eu não tenho dúvida de que o pecado funciona inclusive do plano do desejo, porque o desejo quando é interditado funciona, quando não é interditado, ele morre. Por isso inclusive que depois da liberação sexual, acho que as pessoas vão ficar cada vez mais broxas, porque não tem uma interdição ao desejo. Acho que o pecado funciona dessa forma. Quando Nelson Rodrigues falava que o pecado deixa uma mulher com mais desejo, ele queria dizer isso. A culpa às vezes é melhor que uma lingerie.

“O desejo quando é interditado funciona, quando não é interditado, ele morre”.

DESVENDANDO PECADOS

A revista Origens encarou o desafio de entender como os pecados estão presentes em nosso cotidiano

O que é pecado para você? Quais são as diferenças entre as religiões? E para quem não crê em nada, existe pecado? Você se considera culpado por comer demais? As escolas devem ter ensino religioso? O que pode levar uma pessoa à ira? Qual o problema em ser vaidoso demais ou ostentar?

Respondendo a essas e outras questões os alunos do curso de jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco tiveram o grande desafio de escreverem uma revista sobre “Pecados”.

Na primeira reunião de pauta, ao descobrirem o tema todos se desesperaram. Como escrever sobre pecado, se é um assunto tão abstrato? Muitas ideias surgiram, até que cada grupo definiu o que iria abordar. Ao pensar em pautas e possíveis entrevistados, o nervosismo tomou conta, muitos emails sem respostas, pessoas desmarcando encontros, “nãos” como resposta e deadline chegando. Mas toda angústia foi diminuindo à medida em que as matérias foram criando forma.

Para os alunos Marcos Paulo Neiva, Marcus Rovigatti e Vitor Camargo foi muito boa a experiência de ver os dois pontos de visão de pessoas opostas sobre o mesmo tema, no caso a candidata do PSTU e o major da Polícia Militar.

Com mudanças de pautas e grupos, formou-se a dupla Mariana Barros e Raul Roque, que ficou responsável pela entrevista ping-pong com o ensaísta, escritor e filósofo Luiz Felipe Pondé.

Para os alunos Ana Carolina Garbim, Fabio Lambiazzi, Lucas Ferreira e Vivian Ramos, que abordaram a gula, a experiência foi de extrema importân-

cia para desenvolverem senso crítico e o melhor foi ver que o assunto tinha relevância em diversos campos.

Com o intuito de mostrar a visão dos MCs sobre luxúria, as alunas Grasieli Souza e Julia Sansoni apostaram no Funk Ostentação. A ideia surgiu numa conversa; foi muito desafiador, mas ao final tudo deu certo. Para o trio Juliana Gonçalves, Letícia Lima e Vinicius Matos foi uma grande experiência. Por já terem estudado em escolas de ensino religioso, decidiram produzir uma reportagem sobre tal assunto.

Muitas experiências acrescentadas, desafios concretizados com sucesso, novas histórias para nossas bagagens, experiências profissionais e reflexões sobre nossas maneiras de vislumbrar os pecados. E no final, demos conta de todo o desafio. Que venham as próximas!



As alunas Grasieli Souza e Julia Sansoni em entrevista com o MC Gabriel

PEQUEI?!

Nove, ou talvez dez anos eu tinha na época em que aconteceu. Algo que me deixou extremamente intrigada.

Tinha acabado de sair da maldita aula de ballet. Fazia três anos que tinha começado (três anos em que meus pés começaram a desenvolver calos, bolhas, e eventuais acidentes, por causa da sapatilha de couro e meia de seda cor de rosa). Então me dirigi à cantina da escola como fazia todos os dias. Era um daqueles colégios tradicionais religiosos da rede particular, onde implicavam até com a cor do cadarço que você usava no tênis preto (coisa ridícula na minha opinião). Como sempre, peguei um prato e fui em direção ao buffet, que já estava quase no fim. Sentei em uma mesa vaga e comecei a comer, de olho no relógio para não perder a hora da aula. Um grito esganiçado da inspetora de alunos me fez largar os talheres, fazendo um barulho agudo quando bateram no prato, o que chamou a atenção de todos na cantina.

- Por acaso vai fazer a mesma coisa que na semana passada?! Desperdício é pecado, garota!

- O quê? – ela só podia estar brincando.

Aquela mulher, claramente acima do peso, com cara de buldogue, e com um decote quase indecente, que só passava despercebido por causa do colar gigante, queria discutir comigo sobre a minha forma de comer de novo?! Fala sério!

Respirei fundo, ignorei meu sangue que fervia e tentei me concentrar em outro barulho enquanto arrumava os talheres de volta à posição original em cima do guardanapo. O problema era que não tinha nenhum barulho e, o pior, eu conseguia sentir o olhar de mais de 50 pessoas em cima de mim no mesmo momento em que a mulher chamativa e intrometida vinha na minha direção e pegava os talheres que eu tinha acabado de arrumar.

Foram os dez minutos mais irritantes que já tive. Ela reclamava que eu não deveria colocar tanta comida no prato, porque senão eu faria a mesma coisa que fiz da outra vez e devolveria o prato com ainda parte da comida nele.

No único dia que deixei comida no prato, eu estava doente e sem apetite, no entanto minha mãe exigiu que eu comesse ao menos um pouco para não desmaiar. Mesmo assim, a inspetora não me deixou sair da mesa até terminar a comida. Conclusão: naquele dia me atrasei pra aula e acabei saindo mais cedo passando mal com o estômago embrulhado por comer sem ter fome.

- Desperdiçar comida é pecado, menina! Se fizer aquilo de novo, chamo seus pais na coordenação.

Ouvia as meninas que também faziam aula de ballet rindo da situação enquanto passavam.

Pecado? Não deveria ser pecado ela ter obrigado uma pessoa a comer? Sendo que eu estava passando mal naquele dia? Ou uma professora de ballet forçar uma aluna que caiu durante um salto voltar a ensaiar? Para na aula seguinte ela aparecer com o pé luxado por causa do esforço? Falta de análise de um fermento não seria pecado?

Pecado não seria deixar de rever esses conceitos?





ANA CAROLINA GARBIM
Escrevo meu trajeto no universo a cada instante, não nasci para me conformar com as coisas.



GRASIELI SOUZA
Apaixonada por questões investigativas e afins. Me inspiro, me descubro e me expresso no mundo jornalístico.



JULIA SANSONI
Futura jornalista e apaixonada por futebol. Quero mostrar a minha voz para o mundo.



JULIANA GONÇALVES
Mesmo que nada aconteça como planejado, siga em frente. Se informe e se faça ser ouvido.



LUCAS FERREIRA
O jornalismo foi uma ótima ferramenta para redescobrir o mundo.



MARCOS PAULO NEIVA
Moda, cultura e personalidades. Atualmente repórter de celebridades, descobriu-se jornalista e se apaixonou pela produção de entrevistas.



VINICIUS MATOS
Sou apenas uma fonte interminável de informações inúteis.



VITOR CAMARGO
Jornalista, apreciador de cerveja, apaixonado por tecnologia e fã de Dragon Ball.

Participaram também desta edição:
FABIO LAMBIAZZI,
VIVIAN RAMOS,
MARCUS ROVIGATTI,
LETÍCIA LIMA,
MARIANA BARROS e
RAUL ROQUE

QUANDO A RIO BRANCO ENTRA NA SUA HISTÓRIA, VOCÊ SE TRANSFORMA POR INTEIRO.

Giovanna **Rio Branco** Minella

Quando você nasceu, seus pais escolheram seu nome. Você cresceu, escolheu seus caminhos, se transformou. Ao escolher as Faculdades Integradas Rio Branco, seu nome ganha um sobrenome de peso que faz toda a diferença no mercado de trabalho.



PRESENCIAL E EAD



Melhor faculdade de Cotia e região
1º lugar entre as Faculdades Integradas do Brasil (IGC - MEC)

facebook.com/curtariobrancofac

twitter.com/riobrancofac

GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA (2 anos)

- Comércio Exterior • Gestão Comercial
- Gestão de Recursos Humanos • Logística
- Marketing • Produção Audiovisual

GRADUAÇÃO

- Administração • Design • Direito
- Engenharia Civil • Engenharia de Produção
- Jornalismo • Publicidade e Propaganda
- Rádio e TV • Relações Internacionais
- Relações Públicas • Sistemas de Informação



